

## **A FORMAÇÃO DO DEUS SERÁPIS E O HIBRIDISMO CULTURAL NA RELIGIÃO DO EGITO PTOLOMAICO**

Felipe Daniel Ruzene<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo tem por finalidade apresentar a figura egípcio-helenística de Serápis, bem como elucidar sobre os aspectos e características sincréticas que resultaram no seu culto. Observando os elementos culturais diversos que circulavam no Egito, sobretudo na capital Alexandria que congregava influências gregas e egípcias num comum espaço, em consonância com as novas formas de pensamento religioso que se materializavam em Serápis. Ainda, buscamos refletir sobre as influências políticas, econômicas e culturais, ocorridas através da figura deste deus e do hibridismo cultural resultante de seu culto dentro da sociedade egípcia na dinastia Lágida. Para tal faremos uso da bibliografia pertinente em língua portuguesa, bem como alguns dos autores clássicos essenciais para o tema (como Arriano e Plutarco).

**Palavras-chave:** Serápis. Egito Antigo. Religião. Sincretismo. Dinastia ptolomaica.

Recebido em 28 de junho de 2020 e aprovado para publicação em 26 de janeiro de 2021

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - CPAN/UFMS e graduando no Bacharelado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano - BAT. Atualmente é Controlador de Tráfego Aéreo.

## Introdução

Ainda hoje, os deuses e deusas da antiga religião faraônica nos despertam grande interesse e arvoram muitos questionamentos. A dimensão do panteão egípcio é tão expressiva que seus personagens penetraram, inclusive, na cultura popular do ocidente. Há séculos historiadores, egiptólogos e arqueólogos buscam datar e compreender os reinados faraônicos, de modo a assimilar um pouco mais a respeito deste pujante império, que pode ter superado, segundo a egiptóloga britânica Rosalie David, os cinco milênios de história (computando desde os exórdios da antiga religião até o final do domínio romano)<sup>2</sup>.

Neste ínterim, nos deparamos com o Reino ou Dinastia Ptolomaica, um governo de origem helênica que se estabeleceu no Egito após a morte de Alexandre Magno, em 323 a.C., e com o fim da dinastia macedônica, em 304 a.C. Os Ptolomeus permaneceram no governo até o suicídio de Cleópatra VII e a conquista romana, em 30 a.C.<sup>3</sup> Possivelmente, por obra da magnitude e influência do Egito faraônico, a Dinastia Ptolomaica não foi o foco dos pesquisadores clássicos<sup>4</sup>, que viam este período como um momento de “desagregação, como distorção da cultura e da civilização egípcia antiga”<sup>5</sup>. Todavia, mais recentemente, surgiram egiptólogos e historiadores engajados em desenvolver e reinterpretar trabalhos voltados ao Egito Ptolomaico<sup>6</sup>, muitos dos quais utilizaremos como referências neste artigo.

Os estudos da Dinastia Ptolomaica perpassam, impreterivelmente, o hibridismo cultural<sup>7</sup> deste período, no qual caracteres helênicos e egípcios congregavam em comum

---

<sup>2</sup> DAVID, Rosalie. **Religião e magia no antigo Egito**. Tradução: Angela Machado. 1. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2011, p. 632.

<sup>3</sup> GRALHA, Julio Cesar Mendonça. **A legitimidade do poder no Egito Ptolomaico**: cultura material e práticas mágico-religiosas. Orientador: Pedro Paulo Abreu Funari. 2009. 276 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2009, p. 12-13. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280830/1/Gralha\\_JulioCesarMendonca\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280830/1/Gralha_JulioCesarMendonca_D.pdf). Acesso em: 06 abr. 2020.

<sup>4</sup> Para um debate mais aprofundado sobre o pensamento dos autores clássicos e contemporâneos a respeito da Dinastia Ptolomaica, em oposição às eras faraônicas, confira a introdução da Tese de Doutorado de Julio Gralha que discorre mais profundamente a este assunto. Cf. GRALHA, Julio Cesar Mendonça. Introdução. *In: A legitimidade do poder no Egito Ptolomaico*: cultura material e práticas mágico-religiosas. Orientador: Pedro Paulo Abreu Funari, 2009. 276 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2009, p. 17-25.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>7</sup> Neste texto utiliza-se a expressão “hibridismo cultural”, emprestando-a das ciências sociais, como sendo um elemento cultural que nasce da mistura de duas ou mais culturas, portando elementos dos antigos costumes ou práticas geradoras. Optamos por tal nomenclatura uma vez que o sincretismo religioso e a formação de novos cultos a partir de associações com antigos deuses foi um processo bastante comum ao paganismo clássico, não há nada de novo neste hibridismo, nem é um elemento único à cultura alexandrina. Este termo foi bem discutido pelo historiador britânico Peter Burke. Cf. BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. No que se refere à História Antiga, mais especificamente ao Egito Antigo e à formação do culto a Serápis, o termo “hibridismo cultural” foi utilizado por Julio Gralha em sua tese de Doutorado: “durante a constituição da dinastia ptolomaica Serápis poderia ser pensado em um primeiro momento, como um exemplo de hibridismo cultural” Cf. GRALHA, op. cit., p. 65. A terminologia ainda pode ser encontrada no

espaço social. Esta heterogeneidade foi tão presente que os soberanos Lágidas<sup>8</sup> se esforçaram arduamente na construção de elementos sincréticos<sup>9</sup>, comuns tanto para gregos quanto para egípcios, de modo a garantir a unidade e legitimar seu poder. A religião não escapou a estes esforços, longe disso, os Ptolomeus reuniram sobre a figura do novo deus todos os seus anseios político-sociais, assim, em Serápis, encontramos uma “divindade de cunho marcadamente político”<sup>10</sup>. Este artigo pretende apresentar os movimentos e influências que podem ter levado ao nascimento do culto a este novo deus, bem como discutir os aspectos do hibridismo cultural presentes na sociedade egípcia do período ptolomaico. Logo, refletir sobre a própria figura de Serápis enquanto fruto do sincretismo social vigente.

### **A formação de um novo deus**

No que concerne à etiologia da divindade, os autores clássicos apresentam a lenda de que Serápis, a princípio um deus do Oriente, da região do Mar Negro, teria se revelado a Ptolomeu I Sóter num sonho. A partir daí, o soberano teria trazido a estátua deste deus da colônia grega de Sinope e feito dele o patrono de Alexandria. Plutarco, em “Ísis e Osíris”, descreve:

Ptolomeu Sóter viu em sonhos o colosso de Plutão que estava em Sinope: ignorava a sua existência, não conhecendo a sua forma e nunca o tinha visto antes. Nesta visão, o colosso ordenou-lhe que transportasse o mais depressa possível esta gigantesca figura para Alexandria. Ptolomeu, que ignorava o lugar em que se erigia, ficou em apuros, e ao contar a sua visão aos seus amigos, encontrou entre eles um homem chamado Sosíbio, que tinha visto um colosso parecido ao que o rei tinha visto no seu sonho. Então Ptolomeu enviou Sóteles e Dioniso, e estes homens, depois de muitas vicissitudes e longo tempo, apesar de contarem com a ajuda da divina providência, conseguiram levar furtivamente o colosso. Assim que foi vista aquela figura transportada, Timóteo e Manéton, o Sebenita, conjecturaram por meio de Cérbero e o dragão que possuía por emblemas, que se tratava de uma estátua de Plutão, e persuadiram Ptolomeu de que não representava outro deus a não ser Serápis. Do lugar donde vinha não usava certamente esse nome, mas uma vez transportado para Alexandria designou-se assim, uma vez que recebeu

---

trabalho do filósofo inglês Homi Bhabha. Cf. BHABHA, Homi K. **Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

<sup>8</sup> Neste artigo utilizamos os termos Dinastia Ptolomaica ou Lágida, que se referem a dinastia de origem macedônia que governou o Egito desde a ascensão de Ptolomeu I Sóter (após a morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C.) até a morte de Cleópatra VII e seu filho, quando da conquista Romana em 30 a.C. Ptolomeu I havia sido general de Alexandre, sua paternidade ainda gera certas dúvidas. Oficialmente seu pai parece ter sido Lago (de onde vem o termo Lágida, dado à dinastia), contudo há versões em que Ptolomeu aparece como filho de Filipe II, rei da Macedônia. Todavia, ambas as versões carecem de fontes. Cf. FREIRE, Fernanda Alvares. Ptolomeu I e a criação da Dinastia Lágida. **Alétheia**: Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo, Natal, v. 9, n. 2, p. 59-68, 2014.

<sup>9</sup> NEIVA, Caroline Oliva. **O poder legitimador de Serápis em disputa na época Antonina (96-192)**: Um estudo comparado entre a iconografia monetária alexandrina e os Acta Alexandrinorum. 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 57. Disponível em: <http://docplayer.com.br/86708310-O-poder-legitimador-de-serapis-em-disputa-na-epoca-antonina-96-192.html>. Acesso em: 13 abr. 2020.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 28.

dos egípcios o nome de Serápis, que é precisamente o que utilizam para designar Plutão.<sup>11</sup>

Neste excerto Plutarco apresenta uma interpretação na qual o colosso de Plutão (deus associado a Hades no panteão helênico), presente em Sinope, é desconhecido de Ptolomeu I. Contudo, após a transposição da estátua para o Egito, sua identidade teria sido atrelada a um deus autóctone, de modo que o próprio Plutão teria seu culto alexandrino a partir da figura de Serápis. A etiologia deste deus e sua veneração perpassavam, impreterivelmente, o diálogo cultural e religioso entre helênicos e egípcios. Neste sentido, o egiptólogo português Rogério Sousa escreve que: a “fundação do culto de Serápis assentava [...] num diálogo intercultural – podemos mesmo falar de bilinguismo cultural – que se manifestou desde logo na criação de um culto familiar tanto para egípcios como para gregos”<sup>12</sup>. Logo, Serápis não surge como um novo deus singular, mas fruto do hibridismo de diversas figuras já veneradas. Tal fenômeno (a formação de novas deidades através da associação com deuses já cultuados) não se mostra como singular à cultura alexandrina, helênico-egípcia, ao invés disso era uma característica inerente a todo o paganismo clássico. Tal fato parece ter sido um facilitador para a universalização do culto a Serápis, que extrapolou as fronteiras do Egito e se espalhou pelo mediterrâneo, como apontam Rogério Souza e João Ribeiro da Silva:

A fundação do culto de Serápis assentava num diálogo intercultural responsável por um complexo jogo de identidades divinas. É um facto que o estatuto universal do deus manifestou-se, desde logo, na sua capacidade para estabelecer identificações sincréticas com outros deuses, quer estes fossem gregos, como era o caso de Hades, Zeus ou Dionísio, ou egípcios, como Osíris ou Ápis.<sup>13</sup>

Apesar de não haver uma datação precisa, a estátua de Serápis teria chegado em Alexandria entre 310-295 a.C.<sup>14</sup>, período que marca, também, o início da construção do *Serapeum*<sup>15</sup>. Mas, foi apenas com Ptolomeu II Filadelfo (soberano de 281 a 246 a.C.<sup>16</sup>) que o culto ao deus se consolidou. Em sua dissertação de mestrado, Poliane Santos ratifica a interpretação na qual Serápis se formou a partir do concílio entre Timóteo e Manethon

---

<sup>11</sup> PLUTARCO. **Ísis e Osíris**. Fim de Século: Lisboa, 2001, p. 28.

<sup>12</sup> SOUSA, Rogério. O mito da origem de Serápis revisitado. **Revista Estética e Semiótica**, Brasília, v. 5, n. 2, jul./dez. 2015. p. 135. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/12009>. Acesso em: 20 abr. 2020.

<sup>13</sup> SOUSA, Rogério; SILVA, João Ribeiro da (coord.). **Serápis nos confins do império: o complexo sagrado de Panóias**. Vila Real: Museu de Vila Velha, 2013, p. 10.

<sup>14</sup> NEIVA, op. cit., p. 55.

<sup>15</sup> Templo dedicado a Serápis ficava “Localizado no alto de uma colina no bairro egípcio de Rakótis, afastado da ágora alexandrina, o *Serapeum* era visto de todos os cantos da cidade, e fornecia uma privilegiada visão de Alexandria e de sua baía. Sua arquitetura e a escolha espacial para a sua construção seguiram a proposta de erguer uma acrópole, nos moldes da ateniense, na cidade que se formava (Alexandria)”. Ibidem, p. 51-52.

<sup>16</sup> GRALHA, op. cit., p. 85.

(nomeado por ela como Queramão) no qual estes conjecturaram que a estátua era do deus Plutão. Para ela este novo deus surge ainda da necessidade de uma divindade que representasse a sociedade alexandrina, baseada no pluriculturalismo helênico-egípcio.

Além da necessidade de um deus protetor para a nova cidade de Alexandria, o desejo dos Ptolomeus era que existisse um deus capaz de unir gregos e egípcios, um deus único adorado em todo seu reino. Para isso reuniu uma comissão de teólogos gregos e egípcios, destacando-se o grego Timóteo e o egípcio Queramão. Deste concílio surgiu Serápis, o deus símbolo e protetor de Alexandria.<sup>17</sup>

Assim, sabemos que é dentro deste contexto de formação pluricultural que a figura do deus Serápis se manifestou, tendo como meio as relações sincréticas mantidas com diversas outras divindades do panteão grego e egípcio bem como ratifica o historiador José das Candeias Sales<sup>18</sup>.

Outrossim, Plutarco apresenta a nomenclatura da deidade alexandrina como significando o “féretro de Ápis”<sup>19</sup>. Rogério Sousa<sup>20</sup> reafirma tal proposição de Plutarco, ao apresentar a relação entre os nomes do novo deus e de Ápis, o touro sagrado (*Hap*, em egípcio, nome em referência ao movimento de cheia do Rio Nilo). Isto serviria para apresentar uma origem autóctone de Serápis, ou seja, uma origem local, egípcia. O touro Ápis era uma deidade importantíssima na antiguidade egípcia, era a representação da potência viril do próprio faraó e do “*ba*”, o poder divino, de Ptah, a principal deidade da antiga capital Mênfis<sup>21</sup>. A vida deste touro era sacralizada em todos os aspectos, vivia dentro de um complexo em seu próprio templo, possuía um harém de vacas e recebia visitas e oferendas de peregrinos<sup>22</sup>.

Outros autores apresentam a ligação de Serápis (enquanto Osíris-Ápis), com a presença de Alexandre no Egito<sup>23</sup> onde ele teria reconhecido a qualidade desta divindade como deus *summus*<sup>24</sup>.

Alexandre, ao encontrar uma estátua do deus, reconheceu a presença de Serápis como deus omnisciente que protegia a cidade. Para reavivar o seu culto, mandou

<sup>17</sup> SANTOS, Poliane Vasconi dos. **Religião e sociedade no Egito antigo: do mito de Ísis e Osíris na obra de Plutarco (I d.C.)**. 2003. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93452>. Acesso em: 20 abr. 2020. p. 73.

<sup>18</sup> SALES, José das Candeias. O culto a Serápis e a coexistência helênico-egípcia na Alexandria ptolomaica. **Revista Lusófona de ciência das religiões**, Lisboa, n. 12, 2007, p. 314.

<sup>19</sup> PLUTARCO, op. cit., p. 29.

<sup>20</sup> SOUSA, op. cit., p. 135.

<sup>21</sup> SOUSA; SILVA, op. cit., p. 12.

<sup>22</sup> SOUSA; SILVA, *Ibidem*, p. 13.

<sup>23</sup> SOUSA, op. cit., p. 135.

<sup>24</sup> Deus *summus*, deus universal, capaz de sustentar o universo inteiro. Divindade de poder absoluto, na terra e no grande Cosmos. Cf. SANZI, Ennio. Reflexões histórico-religiosas em torno de Serápis. **Cadernos do LEPAARQ**, Pelotas, v. XIV, n. 27, p. 200-218, 2007, p. 205.

erguer um altar — mais tarde conhecido como o “grande altar de Alexandre” — onde terá conduzido um sacrifício inaugural acompanhado por uma oração [...] O vulto de Alexandre confundia-se com o de Serápis e, dessa forma, a simbiose insinuada entre ambos adensava a carga simbólica dos principais lugares sagrados de Alexandria: através deles insinuava-se a presença de Alexandre no *Serapeum* alexandrino (no relato de pseudo-Calístenes) e, inversamente, a presença de Serápis no Soma onde repousavam os restos mortais de Alexandre (no relato de Arriano).<sup>25</sup>

Por sua vez, Luís Lobianco<sup>26</sup> apresenta em sua tese que o deus já era objeto de culto no Egito, antes mesmo da chegada de Alexandre, supondo uma relação direta entre Serápis e a figura divina venerada em Mênfis, conhecida como Osir-Hap. A relação entre Osíris e Ápis já existia e fazia parte da história da cidade de Alexandria, como relatado por Arriano<sup>27</sup>. Ademais, os soberanos lágidas, provavelmente, procuraram fortalecer o culto em torno desta deidade incorporando nela arquétipos helênicos, afinal parece pouco verossímil que os gregos prestassem culto a um deus zoomórfico egípcio. Desse modo as representações multiculturais já se faziam presentes no cotidiano egípcio, mesmo antes à adoção da figura helênica de Serápis pelos Ptolomeus.

8

É possível que tenha sido o próprio *Serapeum* de Sakara, então já povoado por uma comunidade multicultural, que tenha proporcionado a inspiração aos primeiros soberanos Lágidas, para criar um culto multicultural, e universal, socorrendo-se, para isso, de uma matriz teológica simultaneamente bem enraizada nas tradições locais — portanto susceptível de uma fácil aceitação — e ao mesmo tempo excepcionalmente propensa a novas sínteses, o que conferia um enorme potencial político ao culto.<sup>28</sup>

O próprio deus Osir-Hap aparece como uma figura plural que sintetiza sobre si aspectos de Osíris e Ápis, representado pela divinização póstuma do touro sagrado. Após a morte do touro Ápis era decretado luto oficial de até setenta dias<sup>29</sup>, segundo alguns autores, ao longo deste período o animal passava por um específico e cuidadoso processo de mumificação<sup>30</sup>. Durante a preparação funerária, Ápis se identificava com Osíris, o deus dos mortos, tornando-se assim outra divindade, Osir-Hap ou “o Ápis defunto”<sup>31</sup>. Em consonância a isso, escreve Plutarco que: “A maior parte dos egípcios estima que este nome (Serápis) é

<sup>25</sup> SOUSA; SILVA, op. cit., p. 11.

<sup>26</sup> LOBIANCO, Luís E. **A Romanização no Egito: Direito e Religião** (séculos I à III d.C.). Niterói: UFF, 2006, p. 237. Disponível em: [https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006\\_LOBIANCO\\_Luis\\_Eduardo-5.pdf](https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_LOBIANCO_Luis_Eduardo-5.pdf). Acesso em: 13 abr. 2020.

<sup>27</sup> Cf. ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno**: libros I-III. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

<sup>28</sup> SOUSA, op. cit., p. 142.

<sup>29</sup> SOUSA; SILVA, op. cit., p. 11.

<sup>30</sup> SALES, José das Candeias. Em busca do touro Ápis pelos caminhos da mitologia do antigo Egíto. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**, Lisboa, ano X, n. 18, 1 jun. 2014. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5125>. Acesso em: 20 abr. 2020, p. 67.

<sup>31</sup> SALES, op. cit., 2014, p. 65.

composto pelos de Osíris e de Ápis, estabelecendo assim, e querendo ensinar-nos que, em Ápis, se deve ver uma bela imagem da alma de Osíris<sup>32</sup>.

Isto posto, percebemos a possível associação da formação de Serápis com o culto já existente e estabelecido de Osir-Hap. O culto menfita ao touro póstumo permaneceu mesmo após a helenização da figura de Serápis e foi tema recorrente na iconografia deste deus<sup>33</sup>. As características ctônicas de Serápis aparecem, então, como relações às figuras de Osíris e Ápis. De Osíris recebia a associação com o submundo, os ritos funerários e o pós-morte, ao mesmo tempo sua representação de divindade fértil, relacionado à terra e suas propriedades, mantinha ligação com a figura de Ápis. Ambos os aspectos desta deidade ctônica (enquanto divindade relacionada à terra e também à morte e ao submundo) já eram congregados no culto ao touro defunto. Apesar disso, a representação taurina egípcia não foi a caracterização mais usual de Serápis por parte dos soberanos ptolemaicos e da população de origem grega, mas sua forma helênica, na qual apresentava aspectos antropomórficos como as demais divindades do panteão grego<sup>34</sup>. Desta maneira a administração alexandrina demonstrava os privilégios dos caracteres colonos helênicos em relação aos egípcios.

### **A imagem de Serápis**

A representação zoomórfica de Osir-Hap, voltada à iconografia religiosa egípcia, parece ter sido bastante limitada e pouco difundida pela administração alexandrina e pelos soberanos Lágidas que preferenciavam os modelos helênicos. Evidentemente, a opção Ptolemaica pela figura grega de Serápis (ainda que a deidade seja essencialmente sincrética, helênico-egípcia) perpassa pelas diferentes formas com que gregos e egípcios concebiam suas deidades e práticas religiosas. Ademais, não podemos descartar o fato de que a sobreposição dos caracteres helênicos, por parte das elites políticas alexandrinas, evidencia um importante jogo de forças político-culturais. Certamente havia projeções políticas no fato do deus summus da capital do Egito possuir feições helênicas e os soberanos da dinastia Ptolemaica, muito provavelmente, pensaram nessas projeções quando definiram a imagética de Serápis.

Deste modo, os autores apresentam as diferenciações entre as iconografias de Osir-Hap, a versão egípcia ainda fortemente influenciada pelos traços que mesclam características humanas e animais, e Serápis, a versão grega, como de um deus olímpico que poderia facilmente ser associado com Zeus, Hades ou Dionísio. Os soberanos da dinastia Lágida valorizaram sobretudo a representação helênica, o que se apresenta como um

---

<sup>32</sup> PLUTARCO, op. cit., p. 29.

<sup>33</sup> SOUSA, op. cit., p. 137.

<sup>34</sup> SALES, op. cit., p. 314.

reflexo da própria sociedade, onde as heranças macedônias sobrepujam os ideais egípcios<sup>35</sup>. Para José das Candeias Sales a sobreposição das representações helênicas se deu como uma forma de criar para os imigrantes gregos “um centro de interesse religioso na sua nova residência que não lhes fosse estranho (...) ao mesmo tempo que procurava satisfazer o profundo e ancestral sentimento de religiosidade dos nativos”<sup>36</sup>. Ou seja, para o autor o novo deus trazia roupagens gregas para atrair os imigrantes, ao mesmo tempo que apresentava a essência teológica das divindades faraônicas. Isso mantém relação com a própria forma de governo da dinastia Ptolemaica que apresentava múltiplos interesses. Ora seus soberanos se aproximavam de suas heranças helênicas, defendendo os anseios das elites gregas, ora se aproximavam dos egípcios para afirmar seu governo, como descendentes dos antigos faraós<sup>37</sup>. De fato, Serápis traz consigo elementos egípcios e helênicos, todavia a representação completamente grega da divindade nos apresenta a forte influência da administração Lágida, de origem macedônica, na formação do culto em torno desta deidade.

Na Figura 1, observamos a ilustração egípcia do deus Osir-Hap, a divindade aparece representada de maneira zoomórfica como o touro Ápis morto, quando então se associava a Osíris. Como mencionado anteriormente, os relatos de Plutarco<sup>38</sup> nos apresentam que Osir-Hap e Serápis não se trata da mesma divindade, mas é a partir da fusão de Osíris, Ápis e Plutão de Sinope que surgem os caracteres que seriam depois incorporados pelo novo deus em roupagens gregas. Na Figura 2 temos a representação helenizada de Serápis, o deus não é representado de maneira zoomórfica, como Ápis, ou zooantropomórfica (congregando elementos humanos e animais) como outros deuses do panteão faraônico. A visão antropomórfica de Serápis recebe os elementos dos demais deuses gregos, representado como um homem adulto, com cabelos longos e cacheados, com bigode e barba frisada e trajando uma típica túnica helênica (*chiton*) e um manto (*himation*). Sobre a cabeça apresenta um *modius*, uma espécie de vaso utilizado para medir cereais, um símbolo de fertilidade e prosperidade, representando a abundância e fartura associada ao deus. Há, ainda, outras representações de Serápis, segundo José Sales<sup>39</sup> o deus por vezes aparece com pequenos chifres na cabeça, rememorando a imagética de Dioniso, outras vezes é apresentado com a cabeça rodeada por raios brilhantes, em associação com Hélios. Existe também relatos de imagens de Serápis portando um cetro em uma das mãos, enquanto a outra repousa sobre um monstro tricéfalo (associado ao Cérbero), nesta representação o deus

---

<sup>35</sup> NEIVA, op. cit., p. 53.

<sup>36</sup> SALES, op. cit.

<sup>37</sup> Cf. GRALHA, op. cit.

<sup>38</sup> PLUTARCO, op. cit., p. 29.

<sup>39</sup> SALES, op. cit., p. 314.

é relacionado ao submundo, à eternidade e ao pós-morte<sup>40</sup>. A respeito da representação de Serápis, Poliane Santos escreve que:

seu nome deriva da junção de Osiris com o touro sagrado Ápis (em egípcio Usir-Api). A nova divindade envolvendo também características de Zeus ou Asclépio e Dionísio. A figura de Serápis surge sobre os traços de um homem maduro com cabeleira e barba abundantes, com a cabeça cingida por um toucado cilíndrico. Suas estátuas eram representadas como Zeus Olímpico, com barba e cabelos longos de onde despontavam dois chifres.<sup>41</sup>

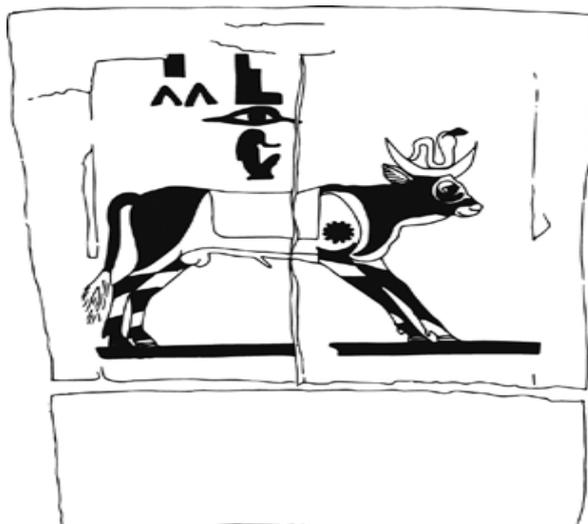


Figura 1 - Representação egípcia de Osir-Hap, Base do ataúde antropomórfico de Pabasa.<sup>42</sup>



Figura 2 - Busto com representação helênica de Serápis, Museu Greco-romano de Alexandria<sup>43</sup>.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 314-315.

<sup>41</sup> SANTOS, op. cit., p. 74.

<sup>42</sup> SOUSA; SILVA, op. cit., p. 12.

<sup>43</sup> SALES, op. cit., p. 314.

Não obstante, vale ressaltar que é no culto de Mênfis ao deus Ptah que observamos maiores proximidades com a devoção helenística a Serápis. Destarte, Ptah “apresenta todos os aspectos da definição divina do deus alexandrino e foi seguramente aquele [...] que forneceu o essencial da matriz teológica que guindou Serápis ao estatuto de deus universal”<sup>44</sup>. A figura de Ptah era multifacetada, era ele próprio um deus ctônico, mas também atribuído à fertilidade, ao poder cultivador e provedor. Ademais, era uma entidade suprema, preexistente à criação, aquele que teria concebido toda a existência do mundo por meio da sua palavra, era o deus-pai menfita<sup>45</sup>. Desse modo, aspectos e caracterizações helênicas atribuídas a Serápis em Alexandria, já correspondiam aos elementos presentes no culto a Ptah em Mênfis.

A definição egípcia de Ptah corresponde, ponto por ponto, à caracterização helenística de Serápis, estando certamente na base das suas reputadas prerrogativas de *cosmocrator*, soberano universal, deus da fertilidade, dos infernos, mas também da luz e do *Logos* criador. Portanto, é na própria caracterização egípcia de Ptah que encontramos a chave para compreender os posteriores movimentos de identificação sincrética com cultos helenísticos de Zeus, Hades, Dionísio e até de Hélios, facto que devemos ter em mente para balizar a plasticidade do culto de Serápis.<sup>46</sup>

Outro elemento participativo na construção de Serápis é o culto a Osíris. A fama e difusão da devoção ao deus dos mortos se deve a sua visão “salvífica do Além que emanava do triunfo de Osíris sobre a morte: por meio de um comportamento ético, cada um podia almejar a ser eleito como um justo no tribunal de Osíris”<sup>47</sup>. Desse modo, sob o culto a Osíris, almejava-se a recompensa de uma vida moralmente elevada com a eternidade no pós-morte, o deus permitia a noção teológica de ascensão à imortalidade. De modo especial, na necrópole menfita de Sakara, Osíris foi congregado a outras duas divindades dando origem à santíssima Trindade de Ptah-Sokar-Osíris. Convém evidenciar, que as “tríades divinas” eram conjuntos habituais na antiga religião egípcia, como aponta José das Candeias Sales:

As tríades divinas são um tipo de agrupamento muito comum no âmbito da organização do panteão da antiga religião egípcia, frequentemente considerado como constituindo uma unidade, associando os conceitos e os simbolismos de *três* e de *um*, e algumas vezes encarado como transformando o politeísmo em triteísmo e em monoteísmo ou como tendo influenciado a própria formulação cristã da doutrina da Trindade.<sup>48</sup>

<sup>44</sup> SOUSA, op. cit., p. 139.

<sup>45</sup> SALES, José das Candeias. Organizando simbolicamente o panteão do antigo Egito: as tríades divinas. **Revista Mundo Antigo**, Rio de Janeiro, n. 9, 2016, p. 226.

<sup>46</sup> SOUSA, op. cit., p. 140.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> SALES, op. cit., p. 233.

Assim sendo, deu-se a união de Ptah, o deus-pai, Sokar, o deus falcão e luz no submundo, e Osíris, o deus do julgamento sobre a morte e, conseqüentemente, da ressurreição dos merecedores. Logo, observamos que as formações sincréticas entre divindades diversas, já se constituía num elemento teológico comum às religiões grega e egípcia. A figura de Serápis foi mais uma a adentrar o rol sincrético religioso existente, mas com duas interessantes particularidades: primeiro, a de ser cultuado tanto por nativos egípcios, quanto por conquistadores, etnicamente diversos e, segundo, reunia sobre si aspectos não de algumas poucas divindades da religião local, mas de inúmeros deuses dos panteões grego e egípcio.

O deus Serápis ampliou seu espaço de influência ao sobrepor a figura de Osíris em seu relacionamento com Ísis. O clássico casal da religião faraônica, Ísis e Osíris, foi alterado na figura da união sincrética entre Ísis e Serápis<sup>49</sup>. A antiga deusa também recebeu figurações com traços gregos e sua relação com Serápis alterou ainda a imagem de seu filho, Hórus. Nasceu assim a divindade de Harpócrates, nome grego que “deriva da forma egípcia, *Horpakhered*, que significa Hórus criança”<sup>50</sup>. De acordo com José Sales<sup>51</sup>, é possível afirmar que esta união e “adaptação” das deidades de Ísis e Hórus (deuses cujos cultos eram extremamente difundidos na antiga religião) pode ser percebido como mais uma ferramenta político-religiosa dos soberanos Lágidas. Reafirmando, assim, o sincretismo, a justaposição da tradição egípcia faraônica com as novas teologias que aderiram aspectos helênicos, portanto, validando a própria união de gregos e egípcios e o próprio governo ptolomaico. Construiu-se, pois, uma nova tríade, Serápis, o novo deus-pai, Ísis, a deusa-mãe helenizada, e Harpócrates, o deus-menino<sup>52</sup>. Estava formada a *sagrada família* egípcio-helênica. Cave ressaltar que era uma prática comum, que os pagãos identificassem os deuses estrangeiros com aqueles de seu próprio panteão. Todavia o caso de Serápis foi diferente: a instituição de um culto sincrético que serviu como base para afirmar a dominação de uma dinastia estrangeira sobre o Egito.

A partir dessas proposições, podemos observar que a figura do deus Serápis nasceu de diversos elementos sincréticos dentro da cultura egípcia e de sua relação com o mundo greco-romano, também notamos motivações político-sociais destas novas práticas religiosas. Em sua dissertação, Neiva apresenta que estas motivações administrativas já acompanhavam a dinastia ptolomaica desde seus primórdios na busca por afirmação e, posteriormente, na busca pela manutenção de um povo culturalmente híbrido.

---

<sup>49</sup> SOUSA, op. cit., p. 141.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> SALES, p. 317.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 318.

Durante o primeiro século de reinado Lágida no Egito a busca por legitimação se dividia entre a manutenção de práticas macedônicas, especialmente na capital Alexandria, e a busca de apoio nos sacerdotes egípcios para a apresentação da casa dinástica no restante do território. A construção do culto a Serápis, bem como o seu aspecto político-religioso foi paulatinamente se expandindo, conforme Alexandria crescia, e o governo Lágida se fortalecia.<sup>53</sup>

A continuidade e sucesso do culto ao novo deus, que congregava sobre si elementos mútuos, aparece por meio do encontro cultural que o formulou. Mais do que sobreposição, exclusão ou fusão, Serápis foi uma divindade que representava toda a heterogeneidade e diversidade das dimensões culturais que circulavam sobre aquele espaço. O culto a este novo deus, sobretudo na capital Alexandria, atendia a uma necessidade de harmonização entre povos e de relações comuns aos diversos grupos que formavam a população alexandrina, configurando-se como instrumento político com profundo significado ideológico e social para a população e para aceitação dos governantes.

### **Alexandria, a cidade do culto ao deus egípcio-helênico**

Os impactos da formação do culto a Serápis extrapolaram os aspectos religiosos num Egito sob administração greco-macedônica e, posteriormente, romana. O culto ao novo deus serviu como instrumento político, social e cultural, dentro de um espaço que congregava uma população heterogênea. A respeito desta pluralidade do Egito ptolomaico, o mais célebre exemplo é o de Alexandria. A cidade estrategicamente fundada por Alexandre Magno se apresentava como centro político e cultural do e, ao mesmo tempo, sede da administração helênica local.

Rogério Souza apresenta que o “sucesso do culto estava alicerçado na consistência, no alcance e no significado da mensagem filosófico teológica que lhe estava associada”<sup>54</sup>. Ou seja, os soberanos Lágidas utilizaram a figura da divindade como um instrumento político-social de aproximação do mundo helênico e egípcio, essa fundamentação garantiu o sucesso e continuidade da figura de Serápis para ambos os grupos. O poder político-administrativo alexandrino buscou condições para que tanto os imigrantes helênicos como os nativos egípcios tivessem um centro comum de interesse religioso na cidade. Também, há evidências da relevância da participação feminina no culto a Ísis e Serápis<sup>55</sup>, apontando este como outro dos aspectos garantidores do sucesso destas divindades. Segundo Ennio Sanzi<sup>56</sup> a epigrafia

---

<sup>53</sup> NEIVA, op. cit., p. 56.

<sup>54</sup> SOUSA, op. cit., p. 134.

<sup>55</sup> Cf. PRATAS, Glória Maria D. L. Trabalho e religião: O papel da mulher na sociedade faraônica. **Mandrágora**, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 157-173, 2011.

<sup>56</sup> SANZI, op. cit., p. 203.

romana é uma fonte que apresenta este sucesso do culto a Serápis no campesinato egípcio e entre as mulheres, isso num período em que a circulação destes grupos era restrita e controlada.

Apesar disso, Caroline Neiva aponta para a relação entre a figura helênica de Serápis, centrado no *Serapeum*, e o ordenamento social pretendido pelos Ptolomeus.

(...) trazendo na sua construção iconográfica uma maior preponderância de elementos gregos, detalhe este que traduz a realidade de ordenamento social proposto, no qual os gregos estão num plano superior aos egípcios nativos, de tal forma, que a apropriação por parte da elite egípcia de elementos gregos se fez necessária na busca por status e participação política.<sup>57</sup>

Portanto, o governo ptolomaico criou uma estratificação na qual a cultura helênica antepunha a egípcia. Através da inserção do culto a Serápis o governo Lágida ampliou a dominação e soberania política no Egito. A divisão social, entre gregos e egípcios, era percebida inclusive nos espaços religiosos e na busca das elites locais por se aproximarem aos costumes dos colonos helênicos e não das tradições egípcias. Certamente, esta aproximação das elites egípcias às tradições gregas se deu pelo anseio dos nativos por ascensão e igualdade, política e social. Assim, incorporando os ideais dos conquistadores poderiam gozar da aceitação e do igualitarismo que a muitos egípcios era negada. A autora completa, apresentando que até a presença de nativos no templo a Serápis teria sido vigiada e cerceada.

15

A representação simbólica de Serápis evocava a aproximação entre as culturas grega e egípcia faraônica, porém as dinâmicas religiosas de seu culto, especialmente no grande Serapeum de Alexandria demonstravam um apartamento hierárquico entre gregos e egípcios. O ingresso de egípcios, em sua grande maioria residentes na chôra, era proibido no grande templo, sendo autorizado somente durante as comemorações da Serapeia, de tal forma que o templo era um espaço acessível aos alexandrinos gregos e à elite grega que habitava o restante do território egípcio.<sup>58</sup>

Neste trecho de Caroline Neiva fica evidente que o hibridismo e sincretismo de Serápis possuía seus limites, o culto ao deus foi difundido por vários territórios, mesmo fora do Egito, mas as divisões sociais entre gregos e egípcios permaneceram. Mesmo o complexo sincretismo do deus alexandrino apresentou limitações.

Apesar dos limites do sincretismo e da preponderância helênica, havia certo desejo por salientar aspectos tradicionais da fé egípcia, ainda muito voltada “para as noções de vida eterna e de magia”<sup>59</sup>, de modo a garantir o direito ptolomaico de governar. Em artigo, Julio Gralha sintetiza tais ideias apresentando que:

<sup>57</sup> NEIVA, op. cit., p. 54.

<sup>58</sup> Ibidem, p. 53.

<sup>59</sup> SALES, op. cit., p. 314.

É possível que revoltas durante o reinado de Ptolomeu IV e V possam ter favorecido uma adoção mais significativa da monarquia divina faraônica. De qualquer modo, a legitimidade do poder da dinastia ptolomaica deveria contemplar ambas as culturas e um bom exemplo desta prática religiosa se traduz na preocupação de Ptolomeu I em estabelecer uma divindade como Serápis.<sup>60</sup>

De fato, os ptolomeus foram capazes de estabelecer o culto a esta divindade sincrética, venerada por gregos e egípcios. Todavia, a dominação helênica esteve sempre presente nestas relações culturalmente híbridas, o Egito permaneceu sobre o domínio grego até os finais do período romano.

O culto a Serápis foi paulatinamente expandido, indo além das fronteiras da cidade de Alexandria, passando de local a global. Há, inclusive, pesquisas numismáticas sobre a veiculação da imagem do deus em moedas por todo o mediterrâneo, mostrando que Serápis permaneceu vivo na cultura, política e iconografia monetária egípcio-helênica ao longo de, pelo menos, sete séculos<sup>61</sup>. Deste modo, podemos analisar os anseios político-culturais que levaram à adoção da figura de Serápis como patrono de Alexandria, bem como os motivos de seu sucesso com a população heterogênea da cidade, que agregava diversas crenças, povos e realidades sob uma mesma administração.

### **Considerações Finais**

Observamos, pois, uma interpretação historiográfica na qual o deus Serápis, patrono de Alexandria e divindade *summus* da dinastia Lágida, apresenta-se como uma entidade híbrida necessária à asseveração do próprio governo, uma vez que se tratava de soberanos de origem macedônica em território egípcio. Outrossim, Serápis representou um hibridismo entre gregos e egípcios que caracterizava a própria sociedade alexandrina (ainda que não necessariamente o Egito como um todo) do período ptolomaico. Seu culto evocava o achegamento de aspectos comuns a ambas as culturas, um dos motivos pelos quais foi tão popular e assimilado durante a antiguidade. Concomitantemente, alguns historiadores nos atentam para existência de segregação entre as culturas nas dinâmicas litúrgicas, sobretudo no *Serapeum*. O governo Lágida favorecia a iconografia e a presença helênica em detrimento à egípcia, produzindo um apartamento e uma hierarquização social, que se estendiam inclusive aos templos e espaços sacros.

---

<sup>60</sup> GRALHA, Julio. Poder no Egito Ptolomaico: Uma abordagem mágico-religiosa da legitimidade. **Heródoto**, Guarulhos, v. 3, n. 1, 2018. p. 79. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/herodoto/article/view/1158>. Acesso em: 06 abr. 2020.

<sup>61</sup> NEIVA, op. cit., p. 63.

Fruto da justaposição de diversas deidades, Serápis consubstanciava caracteres e poderes variados. Em associação com Hades e Osíris era um deus ctônico, do submundo e do pós-morte, de Dioniso e Ápis recebia o dom da fertilidade e agricultura, de Zeus adquiria função de deus maior, uma liderança sobre os demais deuses do panteão, de Asclépio obtinha dons curativos e médicos, desta forma adquiriu traços de deus governante de todo Universo e formou família, substituindo Osíris, ao lado de Ísis e Hórus. Não seria exagero supor que, na administração ptolomaica, Serápis era figura principal, símbolo do Estado e deus maior em Alexandria.

Em suma, o novo deus do panteão egípcio-helenístico foi uma divindade sincrética, cuja influência nos campos político, social e cultural se estenderam por todo o Egito. Serápis foi transformado em um preponderante agente de associação em meio a uma comunidade multicultural e ostentou uma ordem divina sincronicamente universal e íntima, de modo que dialogou tanto com o governo Lágida e seus anseios administrativos, quanto com a vida cotidiana e espiritualidade individual dos fiéis. Tais aspectos apresentam os motivos pelos quais o culto a Serápis tanto se difundiu no Egito e em boa parte da Europa greco-romana.